

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 64

SEGUNDA-FEIRA, 23 DE JANEIRO DE 1905

E prohibida a reprodução das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, ilhas e ultramar
Anno..... 8\$000
Semestre..... 4\$000
Trimestre..... 2\$000

Brazil
Anno..... 52\$000 moeda fraca
Semestre..... 30\$000 * * *

Territorios da união postal
Anno..... 10\$500
Semestre..... 5\$500



Agente em S. Paulo
A. S. Jorge & Comp.
Charutaria Lealidade
R. S. Bento,
100

LISBOA
Empreza do jornal "O SECULO",
43 - RUA FORMOSA - 43

CASAS RECOMMENDADAS PELA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - T. DE S. DOMINGOS, 28, LOJA-LISBOA

PÂTISSERIE BENARD
104, Rua Garrett, 104
LISBONNE

Empreza Vinicola WENCESLAU
Sucessores FONSECA, COSTA & C.
Sã. os melhores vinhos de mesa conhecidos.
Telephone n.º 907
Praça de Luiz de Camões, 20

SAPATARIA PARISIENSE
Eduardo de Sousa
Calçado de todas as qualidades
55, R. de Santa Justa, 57

ATOMOES PEUGEOT - São os melhores e mais numerosos em Portugal, demonstrando assim a sua superioridade incontestável. - A. Beauvallet & C., representantes da Casa Real e representantes exclusivos - Palácio Foz - Lisboa

VIUVA Thiago da Silva & C. ESTABELECIMENTO de ferragens nacionais e estrangeiras
84, Praça de D. Pedro, 96
Officinas de serralheiro, dourador metais e nickelagem
100, Rua de Santo Antão, 2-A

Espelhos e vidros polidos da Fabrica de S. Gohain
Unicos agentes em Lisboa
MARGOTTEAU FERREIRA & C.
26, Rua do Carmo, 36

NOVA PEKIN
Venda a grosso e a retalho
Especialidade em artigos de merceria.
Largo de S. Domingos, 5, n.º 7

CANDIEIROS Electro-acetylene GRANDE NOVIDADE
104, Rua de Arsenal, 104

SE QUERIES
empregar lençol e vasso d'abridor compra sempre na loja UTILIDADES José Braga & Comandita
53, Rua do Ouro, 180, 182 - Lisboa

Chronometre ZENITH
O melhor relógio em ouro, prata e aço.
A venda em todas as relojoarias.

Novidades em chapéus de senhoras
Preços resumidos - J. J. B. Segurado
Jullidissimas e todas as recommendadas para a provincia
53, Rua do Carmo, 3 e 7 - Lisboa

Espingardaria Central de 4.º Bairro
Armas para caça e tiro ao alvo dos melhores fabricantes - Manjeiras de 1.ª qualidade.
3, Largo do Camões, 3

Não ha ninguem que apresente bilhetes postais de mais fino gosto; da maior e mais completa novidade, e vendia mais barato, que a casa
ROCHA da Rua do Arsenal, 98 - Lisboa

OURIVESARIA e relojoaria
FLORINDO com Officinas annexa
80, RUA AUREA, 99

Os unicos seguros de vida com sorteio são os da "Equitativa" dos E. U. do Brazil

Centro Colonial Typographico
Ruas da Conceição da Gloria
Trabalhos em todos os generos.
Preços resumidos

Trabalhos à machina de escrever
Copias perfectas de qualquer documento.
Empreza Correspondencia Commercial
Rua Aurea, 146, 3.º

Talheres de christofle
E mais artigos para mesa
JOSÉ ALEXANDRE
Rua Garrett, 8 e 10

SILVA CARVALHO (PHARMACEUTICO)
46, Rua de Santo Antão, 52
Completo sortimento de cistias elasticas, fendas, artigos para pessoas, esterilizações, etc., etc.
Especialidades nacionaes e estrangeiras, aguas medicinas, perfumarias, etc.

SANTOS CAMISEIRO
Roupas brancas para homens.
24, R. ROCIO, 25

Vaccaria Camões
Leite puro de vacca immaturo ou fervido, proprio para crianças e doentes.
Evita-se aos domicilios.
53, 54, Praça de Luiz de Camões, 15

VI RLING & C. A. LIMITADA
Cambio e papel de credito
Praça do Municipio, 1, 2 e 3.
Rua do Arsenal, 44 e 46

ARANHA & C.
Etrouves completos
Secção de roupas brancas, para homens e senhoras.
272, Rua Augusta, 276

RETROZARIA
DAVID (SOBRINHO)
Sempre as mais recentes novidades
76, Rua Nova do Almada, 78

Papelaria Progresso
M. A. BRANCO & C. - Sortimento completo de papéis nacionaes e estrangeiros.
151, Rua do Ouro, 156 - LISBOA

Pitta, Camiseiro
195, Rua Augusta, 197

FABRICA D'ITALIA
CHAPEUS para senhoras e crianças
L. V. ROMBERT
69, Rua do Carmo, 63 - LISBOA

Kermesse de Paris
Completo sortimento de brinquedos, Objectos de novidade para brinde, perfumarias e varios artigos de utilidade.
Rua do Principe (Avenida Palace)

Officina de Torneiro e Serralheria Mechanica
de ALFREDO ALVES, constructor mechanico
Emmregas de: montagens e reparações de machinas de vapor e motores a gaz, machinas typographicas, detalhadoras e outras machinas agricolas, etc., etc.
19, Rua do Arco a Jesus 18

Vieira da Silva ALFAYATE
Pastelaria e artigos de luxo para banhos
PALACIO FOX
Praça dos Restauradores, 26 e 28

COLCHOARIA
de Viuva Germano Quintão
PREÇOS LIMITADOS
Rua Serpa Pinto, 50

Pastelaria Marques
Almoços todos os dias das 10 as 1
Formosos jantares, lunches e sobrés.
75, 76, Chiado, 72 - Lisboa

BACALHAU
Por grosso e miúdo a preços muito resumidos, vende-se no armazem da
R. Nova de S. Domingos, 34

AMPLIAÇÕES PHOTOGRAPHICAS
Por intermedio da AGENCIA PHOTOGRAPHICA
Ver preços e exposições.
Rua Aurea, 146, 3.º

ELYSIO SANTOS & C.ª
Mobilia e canteiros
Oleados para solrados, carpetes, capachos de calco e de arame, passadeiras, etc.
83 e 85, Rua Augusta, 83 e 85

PANORAMA DA PALESTINA

Rua Antonio Maria Cardoso, 1

O mais extraordinario trabalho artistico que se tem apresentado em Lisboa.

A pintura e escultura dando a mais completa e exata ideia da realidade. Perfeita illusão d'uma viagem à terra Santa, a patria de Jesus Christo.

Todos os dias das 2 horas da tarde à meia noite

CASA AMIEIRO, SUCCESSORES ATELIER DE ALFAIATE
A. C. LOPES & C.ª
CONFECCOES PARA HOMENS E SENHORAS LISBOA 55, Rua Ivens, 57, 1.º

FRANCISCO RAMOS LISBOA
1, Rua de Santo Antão, 5, (ao Rocio) - 17, 18, 18-A, 118-B, Largo do Regedor, 19, 20 e 21, (ao Theatro de D. Maria)
Estabelecimento de ferragens, talheres, metais brancos, ferramentas idos melhores fabricantes, louças esmaltadas e estanhadas francezas e inglezas
GRANDE SORTIDO EM TODO O SEU GENERO. IMPORTACÃO DIRECTA
PREÇOS EM COMPETENCIA COM AS PRINCIPAES CASAS

BOLSA OFFICIAL DE LISBOA
CORRETOR **VIRGILIO DA COSTA**
Escritorio - Rua de El-Rei, 112 e 114

O SEculo NUMERO DO NATAL
Publicação de luxo feita nas officinas d'O SEculo. Gravuras a cores pelos processos mais modernos. PREÇO 200 RÉIS
Está a venda em todas as livrarias, tabacarias e kiosques de Lisboa e Porto, e em todas as agencias d'O Seculo, nas provincias, Africa e Brazil.

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do Jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 23 DEE JANEIRO DE 1905

NUMERO 64



BELLAS ARTES — A VIUVA

ESCUPTURA DE TEIXEIRA LOPES EXISTENTE NO MUSEU DAS JANELAS VERDES

O Salão de Paris de 1889 deu a primeira medalha a esta obra d'arte do escultor hoje insignificante que lá então se revelou. A estatua é realista primorosa, com muito de sentido e de bello, sendo digno do mestre que no mármore faz palpitar os sentimentos, faz revelar as intuições, os symbolos, como se a tudo que o seu cizazel toca emprestasse nervos, animação, fizesse brotar a Vida.

Essa estatua é uma das que chama a attenção e obriga o visitante a deteger-se no museu das Janelas Verdes onde existe, tendo sido comprada pelo Estado que assim premiou o trabalho do illustre artista a quem já devemos tantas obras primas, como a Rainha Santa e a estatua d'Eça de Queiroz e outras que fazem o orgulho da arte da esculptura em Portugal.

CHRONICA

Entre santos

Decorreu a semana sob a égide de dois santos, n'um parenthesis de celestial graça por consequencia. Abriu com Santo Amaro, patrono dos carregadores, santo d'além Minho, advogado de fracturas de pernas e braços, e fechou com S. Vicente, o illustre protector d'esta cidade, que lhe guarda os restos, e dos seus habitantes, que lhe guardam respeito e os corvos na Sé Patriarcal.

Foi a semana como algumas mulheres que entram na vida pelo braço honesto e mal enroupado d'um humilde e que após mil exhibições, mil falcatruas, mil despropósitos, saem d'ella a coberto do nome pomposo d'um grão senhor.

Santo Amaro que a introduziu não passa d'um pobre bispo, pastor de ovelhas tosquizadas por outros, que pôde ter sido o mais puro e o mais milagroso varão, mas que não tem hoje a adoração senão a pobre gente da labuta, os homens da Braçal, os moços de mudanças, as creaturas mais em risco de quebrarem os ossos com os carregos e que vão dançar por estes domingos de festa no topo do monte junto á egrejinha, comendo pinhão novo e tocando a gaita do folles fanhosa, tradicional e irritante. O seu dia nem sequer é de guarda e em-



A CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA

bora como santo seja igual aos outros lá no azul pantheon onde se depõem as almas dos virtuosos, não é para nós mortaes que tendemos mais á oligarchia do que á democracia, mesmo quando se trata de cousas abstractas como os santos.

S. Vicente merece, se não o nosso culto, ao menos a nossa attenção. Foi martyr. Isso de ser martyr é para a Igreja um título de recommendação. Um homem frio é um homem canonizado, um homem atirado ás feras é um novo luminar da religião e entra no céu com registo no calendario.

Foi o que succedeo a S. Vicente que, perseguido por Diocleciano, morto e enterrado, teve quem lhe desencantasse n'um sepulchro raso e mysterioso o corpo mutilado e o trouxeo n'uma fusta, através as ondas, a ferrar ancora no azul Tejo, o povo entrou logo a festejal-o, teve como todas as creaturas amadas da multidão a sua legenda: «Dia de S. Vicente é claro e quente.» E isto equivalia a incenso que lhe deitassem, porque o dia do santo calha no janeiro feroz das chuvas e dos frios, de céus de chumbo e de aguas geladas. Creou-se-lhe um vasto templo, dois corvos famosos e ancestraes que lhe serviram de famulos tiveram da cidade uma pensão de bofe e entraram nas suas armas formadas pelo galeão que os trouxera a esta occidental praia.

E ainda por cumulo de honrarias no templo do martyr se anicham os seus reis mortos e os patriarchas vivos: um real necroterio e uma devota e episcopal moradia.



A EXPOSIÇÃO DE ALFAIAS DA CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA DE S. ROQUE—UM ASPECTO DA SALA

Até entre os santos ao que se vê ha differenças; uns instalam-se maravilhosamente como principes nas cathedraes sumptuosas, vivem sobre os altares de ouro, outros tem por moradia a capella arruinada e muitas vezes o tronco d'alguema arvore, no meio d'um descampado, como pobresinhos, sem um amigo, sem um fição, sem um sacerdote e sem uma luz.

S. Vicente é dos felizes, porque teve a sympathia d'uma cidade, mas S. João Baptista mais feliz foi ainda, porque teve a sympathia d'um rei. Por isso a sua capella tem thesouros e n'esse ponto está muito melhor que nós o mesmo do que o governo.

Mas não basta dizer que se tem thesouros, é necessario prova-lo e foi isso que se fez esta semana expondo no publico as alfaias, as grandezas, as murças, os frontaes de capella, as relicarios, os livros, os paramentos, todo esse enxoval de imperador que João V offerreceo ao seu divino homonymo.

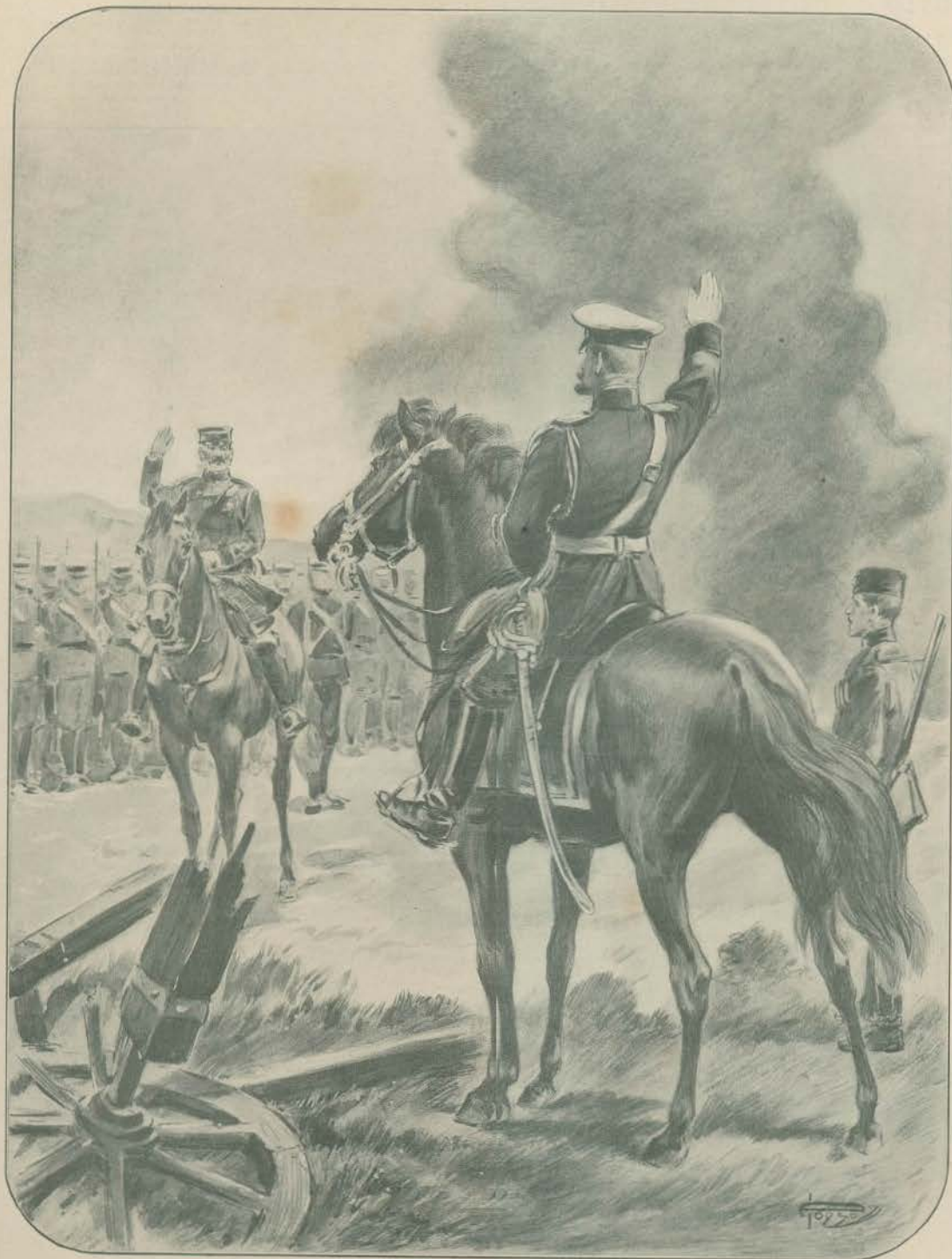
E que enxoval?!

Não contente de lhe dar um nicho todo de preciosidades, ainda quiz vestir de galas, com ouro e sedas bordadas por dedos de artistas singulares, os sacerdotes que lhe officiam. offerceo-lhes esses paramentos, mandou fazer sacraricos, focheiros, velarios em metaes nobres e columnellas em lapis lazuli, brindou esse christianissimo S. João com um interior sultanesco, rodeou-o d'uma opulencia barbara e demasiada para a sua modestia de comedor de gafanhotos dos campos e de silvestre mel, mas demonstrou ao santo a sua sympathia e a posteridade o motivo d'ella: S. João morreu degollado, o rei buscou talvez consolao na desgraça com tanto luxo, como buscou encobrir nas lindas e custosas cabeloiras que mandava vir de França a ausencia da propria enteca que a corôa ajudava a disfarçar, servindo como uma linda tampa de ouro collocada sobre um pavão descabeçado de vulgar barro das Caldas.

ROCHA MARTINS.



A EXPOSIÇÃO DE ALFAIAS DA CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA DE S. ROQUE—OUTRO ASPECTO DA SALA



GUERRA RUSSO-JAPONESA — O ENCONTRO DOS GENERAES STOESEFEEI E NOGI APÓS O TRATADO DE CAPITULAÇÃO DE PORTO-ARTHUR

Após a tomada da montanha de 263 metros que era junto a Porto-Arthur e que os Japonezes levaram a effecto levavam-se inevitavel a entrega da praça. Stoessefi rendeu-se. Assignou-se a capitulação. Os seus soldados deviam sair da praça com todas as honras. Assim se fez. Mas, antes d'isso, após a assignação das condições, os generaes inimigos, que estavam agora em tropas, encontraram-se, iam ambos a cavallo. O encontro foi commovedor. Nogi pelo seu lado portou-se

com nobreza e Stoessefi tambem como um verdadeiro fidalgo. Conferenciaram, apertaram as mãos e quando o general russo quiz entregar o seu cavallo ao vencedor, este pediu que o accettasse, q' que não o fizesse nos dias de guerra.

E assim com tanta cortezia acabou esse trecho da epopéa que foi a defesa de Porto-Arthur.

OS NOVOS ACADEMICOS

A Academia acaba de receber no seu gremio e de inscrever no seu livro d'ouro mais cinco nomes que serão apontados á posteridade como bem dignos da sua attenção.

A Academia das Sciencias foi fundada por um príncipe d'espírito largo e quasi revolucionario — o duque



CONSELHEIRO JULIO MARQUES DE VILHENA
(Photographia Arnaut de Fonseca)

de Lafões — que buscou renir ali a parte pensante do país, n'uma ancia de influir nos costumes, de preparar uma regeneração, de ligar os sabios, obedecendo ao mesmo movel que presidira á fundação da Academia Francesa, que Richelieu instituiu.

Mas n'um país como Portugal, essa reunião de sabios, de varões doutos, entre os quaes se contava o abbade



CONDE DE SABUGOSA

Corrêa da Serra, ligados sob a égide d'esse duque philosopho, inquietou desde logo o intendente da policia, preocupado com as conspirações imaginarias das mais imaginarias lojas maçonicas.

A maçonaria que os sabios formavam tendia toda á libertação do pensamento, sem buscar os meios violentos de impôr idéas, que fóra em parte o systema da re-

volução franceza. Assim ligados, protegidos pelo príncipe erudito, zombavam do intendente, liam Voltaire, o que então era um crime, colleccionavam as obras de Rousseau, o que era um delicto sem igual, quasi um sacrilegio, e recolhiam ainda alguns emigrados que vinham d'essa revoltada Franca, onde tinham sido assassinados os soberanos.

Entrevista, pois, pelo lado revolucionario, logo no seu inicio a Academia estava em verdade no seu papel. Uma reunião de individuos doutos, de artistas, de sabios, d'espíritos de eleição, formados nas luctas do pensamento, deve tender a todas as conquistas, tanto intellectuaes como moraes, e que quer dizer mesmo politicas. A função conservadora de uma Academia mal se entende e no entanto mesmo a franceza toma esse caminho, repudiando Zola, o grande, detendo Balzac no limiar, aceitando no entanto artistas tão illustres como elles, mas cujas idéas estavam em harmonia com o seu tempo e não tendiam á conquista do novas regalias, á implantação de novos ideaes.

Em Portugal a Academia tem-se limitado a mandar fazer algumas obras de vulto, nenhuma das quaes se concluiu, inclusivê o Dicionario, que seria um monumento, e instituiu em tempos um premio de conto de réis destinado á obra litteraria de maior belleza que entrasse n'um concurso annual.

Após a discussão entre Eça de Queiroz e Pinheiro Chagas, por causa da *Religião* não ter recebido esse premio, nunca mais abriram os concursos, sendo d'esperar que d'esta vez os novos academicos, entre os quaes se encontram artistas de valor, o ponham de novo em uso, a fim de se dar um pouco d'incremento á litteratura portugueza que tão falta anda d'incentivo.

Entre os socios da Academia recentemente nomos,



CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO
(Photographia Camacho)

dos está o sr. conselheiro José Luciano de Castro, presidente do conselho, auctor de varios trabalhos politicos de valor, eminente juriconsulto como o provou com as suas obras de real merecimento e que já de ha muito devia ter entido aquelle agremiação; foi tambem nomeado o sr. conselheiro Julia de Vilhena, ex-ministro, distincto financeiro, antigo governador do Banco de Portugal e que tem publicado trabalhos de um indubitavel merito e a quem de ha muito tambem eram devidas as honras d'academicos; outro é o sr. conde de Sabugosa, espirito d'artista, requintado, prosaador delicado que lembra por vezes Daudet na sua sobriedade de forma toda impressionista e exacta, auctor d'esse livro *De Braço Dado*, onde, como o conde de Arnoso, teceu pedaços d'arte que encantam, e que recentemente publicou o *Povo de Cintra*, trabalho completo sobre essa velha residencia historica, obra de minucia e de investigação.

Teixeira de Queiroz, o auctor dos *Notas*, o seu melhor livro, mas tambem de muitos outros romances que fazem parte das *Comedias Burguezas*, recebeu tambem o grau de academico. O seu ultimo livro, *Caridade em Lisboa*, é na verdade uma bella obra que o apontaria como um superior espirito, se não houvesse já a descaer-nas letras patrias, com os seus outros romances, os bellos contos d'análise ao coração humano que elle firmou com o pseudonymo hoje celebre de *Bento Moreno*. Consiglieri P. Pedroso, lente do Curso Superior de Letras, sabio philologo, historiador; notavel, entrou

tambem na Academia. Os seus numerosos trabalhos a isso lhe davam direito e sobretudo aquelles a que ultimamente se tem dedicado e que o tem tornado conhecido no estrangeiro.

A sua historia universal adoptada outr'ora para o ensino secundario é mais alguma coisa que um simples compendio destinado ás escolas, como ellas se comprehendem em Portugal, e os seus estudos das linguaslavas tem-no apontado como um verdadeiro sabio que é di-



DR. FRANCISCO TRIUNFO DE QUEIROZ
(Photographia Vidal de Fonseca)

gno dos nossos respeitoes. Dos novos academicos ha a esperar que se ponham em vigor algumas disposições esquecidas da Academia, pois, sendo espiritos modernos e entusiasmados, decerto deesjarão dar um grande impulso á nossa litteratura.

De ha muito se sente a necessidade d'uma corrente vigorisadora n'essa Academia, que no numero dos seus



ZOOPHIMO CONSIGLIERI PEDROSO

membrs conton glorias legítimas como Latino Coelho, Pinheiro Chagas e tantos outros e que actualmente, sobretudo, pelas entradas dos illustres politicos e dos distinctos escriptores que recebeu no seu gremio, tem o dever de abrir novos horizontes aquelles que mourejam sem recompensas dignas nas letras nacionaes.



A REPRESENTAÇÃO DA PEÇA «O AVÔ» NO THEATRO D. AMELIA — A SCENA FINAL

AUGUSTO ROSA

ADELINA RUAS (A NETA)

AUGUSTO ROSA (O AVÔ)

ANTONIO PINHEIRO (O PRECEPTOR)

Com a peça *Avô*, original do dramaturgo espanhol Perez Galdós, fez Augusto Rosa, o actor insigne, a sua festa artistica. O actor é celebre em toda a Hespanha e em parte da Europa pelo seu drama *Elceja*. Rosa é entre nós o actor querido, hoje que mostra na arte de representar. A peça é romântica, d'uma factura cheia de situações como convém ao grande publico e tem por fim demonstrar que a ver-

dadeira nobreza é a das almas e não a do nascimento como o velho *Avô*. Bialgo, reconhece ao sentir se cuidado e acariado pela filha que — na hora tivera aduitorina mente. Rosa, foi grandioso, revelou com toda a paixão, todo o extenuado drama que a peça encerra e teve a ajuda da essa figura, superior d'atriz Adelina Abranches, que, d'uma maneira soberba, cheia de sentimento e de verdade, representou

essa creança que avô se dedica, a um amañado culto. Devemos falar tambem d'um outro artista que sempre nos mereceu attenção desde que o vimos no Chillon Chalmatas do *Chad Izala*, o actor Pinheiro, que d'esta vez se apresentou brillantemente no papel mais verdadeiro da peça, o de preceptor. A traducção de Eduardo de Noronha é magistral.

O PAÇO DE BELEM

Algumas salas e aspectos

(CONTINUADO DO N.º 63)

Mas sobretudo o que ha a admirar n'essa vivenda régia de Belem são os jardins magnificos e a quinta vasta que vae pelo Galvão até Alcoleia, terminando lá em cima n'um palacio antigo, talvez a primitiva moradia e onde residem alguns empregados da Casa Real. Os muros da quinta são altos, mas as arvores frondosas apparecem sobre elles, debruçando os ramos para as bandas da colheita de Galvão, tão pittoresca, com as suas casinhas de jardins para a frente.

Ha um grande pomar e um parreiral na quinta, abrem-se ruas lindas de buxo das festividades, d'esse arvore que como as alfarrobeiras existe em todas as plantações fidalgas.

Assim vem contornada d'arvores até Belem, n'uma extensão d'algumas centenas de metros e termina no pateo dos Bichos, onde tem um portão verde, igual ao da entrada do pateo das Vacas que abre para o largo do palacio. D'esse lado a architectura é fallada, avistam-se estatuas claras soerguidas em socos no meio do verdura dos jardins bem tratados e uma varanda corre ao fim a deitar para a praça de D. Fernando, assim chamada em memoria do rei ar-



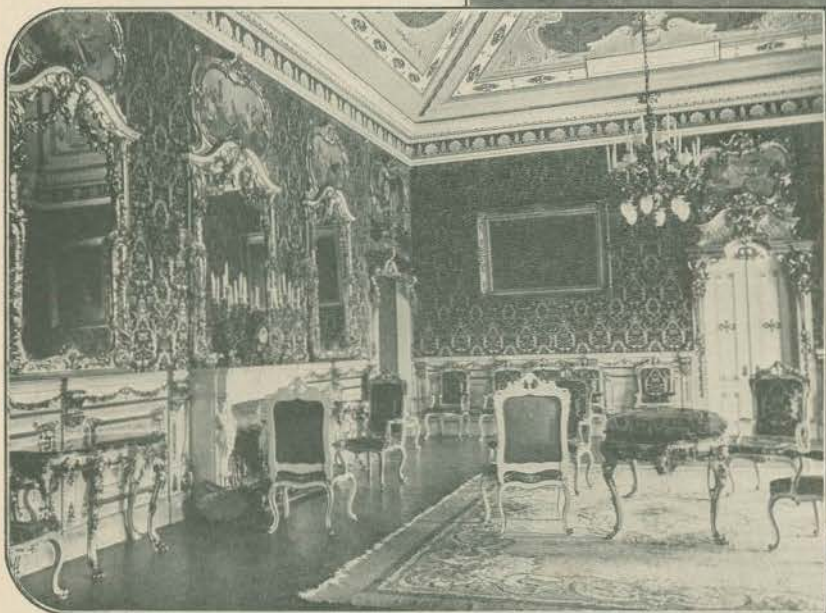
QUARTO ONDE DORMIU A DUQUEZA DE CONNAUGHT

Essas mozas, esses consolos, os campês, os relógios, em que quasi sempre ha agulhas esculpidas, tem aos nossos olhos uma ardente evocação. Nas Neo-estiladas ha uma linda sala assim mobilada, o nosso amigo Alfredo Guimarães possui numa das mais completas e das mais bellas salas no estylo Imperio que temos visto.

Esta sala do paço de Belem, com o seu relógio, com o seu fogão, com os seus espelhos ricamente emoldurados, com os jarrões altos, que lembram velhos góms Renascença, com os candelabros d'elegante linha, é maravilhosa e diz bem junto á sala D. João V., a que dá ingresso.

Pompeia all um busto em marmore do epulento monarcha, com os seus labios grossos, a sua cabeleira de cachos, os hombros largos, fazendo-se rodear de todos os attributos das artes nobres, como um Nero, o rei prodigo. Um rico quadro de Girof fica a seu lado e todos os moveis, bem como as pinturas, dão bem a impressão da epocha que a sala representa.

Contigua está a sala Luiz XV. Esta é linda, tem todo o encanto d'essas bocetas inventadas pela Pompadour e



SALÃO DE RECEPÇÃO

tista e ao centro da qual se levanta a estatua do grande capitão Affonso d'Albuquerque.

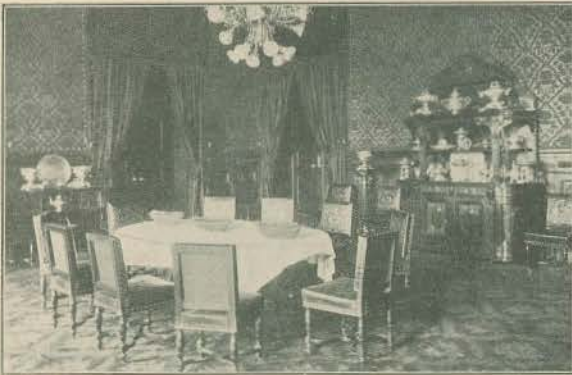
Sobem-se alguns degraus sob uma alpendrada e entra-se na sala das Bicas. E' toda em pedra, é como um atrio. Duas carrancas esperam deitar agua, o chão é lagedado, no fundo caem, sem uma ruga, dois reposteiros azues armoriados, e nos tectos em urna ha pinturas que pertencem á escola meia sacra, meia profana, caracteristica de D. João V.

Naturalmente o paço foi restaurado quando o rei prodigo o comprou ao Aveiras, on então conserva pelo menos na moldura d'osso tecto a primitiva pintura. A sala é escura de dia, mas um enorme lustro pende do tecto e deve illuminar-lhe fartamente pelas noites. Contigua fica a sala de jantar e em frente o salão de recepção. Ambas abrem para o jardim e são mobiladas de uma maneira severa. Na casa de jantar ha um tapete verde e qual possuem com a mesa pequena seis cadeiras de bom coiro lavrado. Os tectos tem pinturas arte nova d'uma fina estylisação, e um fogão se mostra n'um canto com magnificas incrustações. Ha quadros da mestres pelas paredes altas, quadros chapados pela luz que entra violenta e franca, pelas vidraças sem cortinas.

O salão de recepção tem os tectos donrados e apainelados, os moveis são tambem donrados e estofados de vermelho e no estylo Imperio. Esse mobiliario que abunda nos paços reais é sempre magnificente e agradável á vista pela sobriedade das suas linhas, pela simplicidade, em que ha, sem paradoxo, como uma opulencia. Inspirado nos moveis romanos, como do resto toda a epopeia napoleonica, parece inspirar-se n'essa Roma famosa.



SALA DAS BICAS



SALA DE JANTAR



SALA DE BILHAR

pela Dubarry, que deviam ser simplificados no reinado de Luis XVI d'um modo habil, tomando um ar mais candido, com longos de pastoral, de ingenuidade. O tapete d'esta sala é Obisson, os moveis são do estylo que a sala apresenta, destoando no entanto ali uns quadros bellissimos de Columano, que ajudam a parte da decoração.

A mesa tem uma pedra inerteica e de cor vermelha e ha tambem pelas paredes lindissimos espelhos. A luz ali é clara, outra radiosa pelas duas larguissimas janelhas abertas para o varandim de pedra ante a outros tempos, sob um largo toldo listrado á oriental, acompanhava nas horas da sesta a original corte de Maria I, como se vê através a correspondencia de lord Beckford.

E' ao lado que fica o quarto onde dormiu o duque de Connaught.

Ao entrarmos n'esse aposento os nossos olhos prenderam-se n'aquelle lindissimo leito que é encimado por umas figurinhas de creanças em outro ma-



UM ASPECTO DO JARDIM

mesmo azul (coelente) que se vê á cabeceira do leito. Esse quarto é o melhor do paco, tanto pela grandeza d'essa cama, como pela magnificencia do resto do mobiliario. Ao lado, mobiliado muito á moderna, fica o quarto de vestir, e proximo um quarto de banho. A seguir um gabinete de trabalho com bellissimos moveis, mas que está já desarmado. A sua janella abre para o pateo do annexo e ali trabalhou o muito tempo S. M. El-rei D. Carlos quando residia em Belem. Ha alguns moveis em coiro deveras notaveis pelos labores.

Separado por um pequeno gabinete fica outro quarto no qual dormiu a duquesa de Connaught.



SALA IMPERIO



OUTRO ASPECTO DO JARDIM — LARGO DA ESTRELLA

E' mobiliado no estylo Imperio e a cama é tambem riquissima. E' notavel uma bella secretaria que está junto da janella, a qual recorda muito o trabalho paciente d'uns contadores que vimos nas Necessidades. A Contignos estão os quartos de banho e de vestir. Atravessase então um corredor sobre uma passadeira vermelha e entra-se no annexo onde ficaram installadas as duas princezas do Connaught. Os seus quartos são d'uma simplicidade verdadeiramente ingleza, os leitos são quasi modestos. Os esportados claros, reposteiros claros por toda a parte, ha uma harmonia que encanta e espalha-se num perfume casto d'esse mobiliario simples e que não parece d'um paco real.

sico que seguram uma coroa real. Por baixo n'um oval entrelaçam-se duas letras: P. S.

Pedro e Stophania ali dormiram n'esse leito real, digno d'um Cezar e digno dos dois santos que na terra se uniram e talvez n'esse mesmo leito morreram. A cama tem guardações e lavrados d'ouro, embutidos magnificentes, e além de no alto do encoito tor figuras, ellas apparecem tambem nos angulos. A alta cabeceira é forrada de seda azul e toda essa maravilha ali está com outros moveis eguaes no estylo, talvez os mesmos que estavam no quarto do infeliz soberano quando foi do seu enlace.

O touceador é, como o leito, todo de embutidos e de dourados, duas figuras massigas seguram a pedra alabastrina, e um anjinho em prata, no alto do vidro do espelho, parece erguer uma cortina leve e de ouro que vai a curvagar nas suas miolosinhas bem trabalhadas. As mesas de cabeceira são no mesmo genero e os divans e sofas são forrados do mesmo que vai a curvagar nas suas miolosinhas bem trabalhadas. As mesas de cabeceira são no mesmo genero e os divans e sofas são forrados do mesmo que vai a curvagar nas suas miolosinhas bem trabalhadas.



GUERRA RUSSO-JAPONESA — A QUEIMA DAS BANDEIRAS EM PORTO-ARTHUR

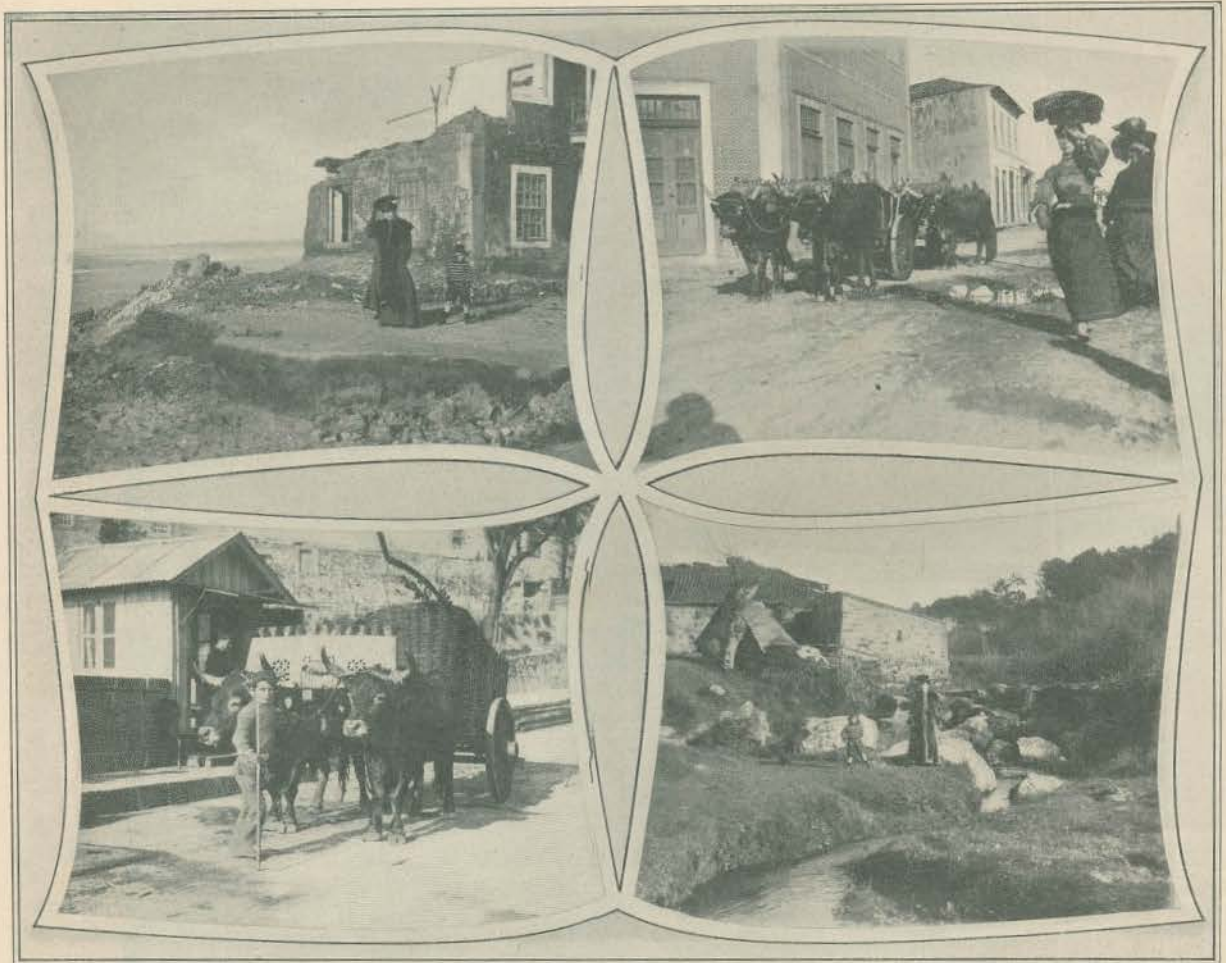
Antes de entrar ao general Negi a indicar-lhe as condições com que Porto Arthur capitulara, Nossai, o bravo, dirigiu-se aos seus officiaes, mostrou-lhes os desditos e soldados por terra, pedras a succumbirem á doença e aos ferimentos, disse-lhes como entrava já a faltar a agua e fa-

lhos de se renderem. Os officiaes ouviram-no de cabeça baixa, com commoções extranhas, consideraram a custo, mas curvaram-se á evidencia. Então o general propoz que se queimassem as bandeiras dos regimentos, que se lançassem ao fogo as aguias russas, as triumphaes aguias que os

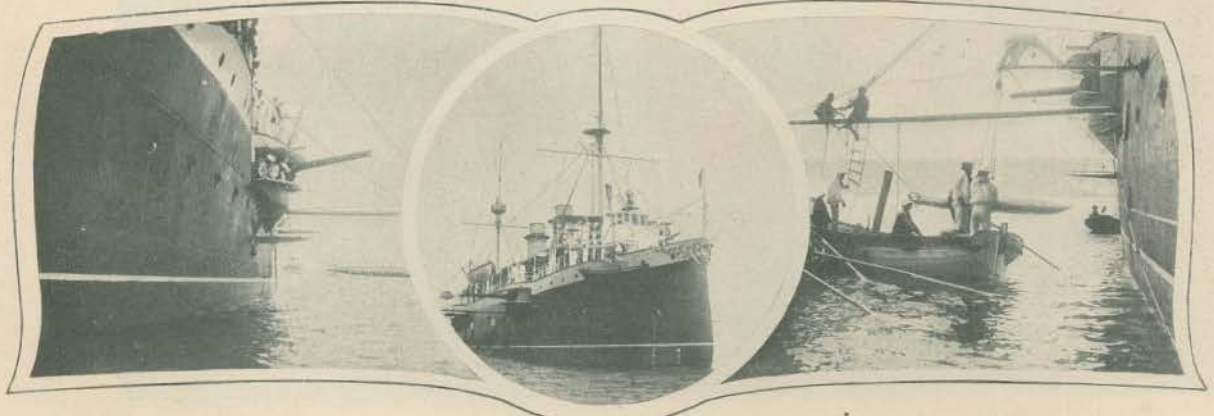
trora nas steppes de Moscow, de Smolensko e na Beresina se antepuseram a outras aguias tambem sobrias, tambem gloriosas, as de Napoleão. Vieram então as bandeiras, accendeu-se o fogo, os officiaes avançaram chorando e as

chamas consumiram esses sagrados emblemas da nação, que ao mesmo assim não caíram nas mãos do inimigo.

F. ALDEIA



O ESPINHO — ASPECTOS DA PRAIA
CASA DERROCADA PELO MAR — CARROS DE BOIS E VENDEDORAS — A ESTRADA DAS BARREIRAS — NO ARRABALDE



ASPECTO D'UM EXERCÍCIO DE TORPEDOS.

O CRUZADOR «D. AMELIA»

O CRUZADOR RECOLHENDO O TORPEDO

O CRUZADOR «D. AMELIA» FUNDEADO EM MOSSAMEDES

O *D. Amelia* encontra-se actualmente em Mossamedes e no dia 21 de novembro do anno passado fez um exercicio de torpedos que correu admiravelmente.

Os torpedos *Whitehead* lançaram-se pelo tubo de bombardeio, produzindo um bello effeito, não se dando mais nenhum successo digno de nota.



BENITO PÉREZ GALDÓS

O AUCTOR DA PEÇA O "AYO" REPRESENTADA NO THEATRO D. AMELIA EM ÚLTIMA ARTISTICA DO ACHES AUGUSTO BOZI

Galdós, é hoje um dos mais ilustres escriptores hispanicos. As suas obras *Doña Perfecta* e *Espaldas Nacionaes* sacaram-no notavel e historiad. a *Electra* e o *Ata* *Reoran* occor o seu nome como o d'um insigne dramaturgo do qual ainda muito ha a esperar.

A *Electra*, apparecendo n'um momento de revolta contra o clericalismo, teve um successo louco e foi traduzida em varias linguas e representada em diversos theatros da Europa.



O CAPITÃO ANTONIO DO AMARAL LEITÃO

CHefe MILITAR DA REVOLTA DE 31 DE JANEIRO DE 1894

(Photographia tirada a bordo do "Africa" por occasião do conselho de guerra.)
O capitão Leitão foi estabrec o seu nome ligado á historia do primeiro movimento republicano em Portugal. Amara! Leitão com o tenente Coelho e o alferes Malheiros foram os militares de graduacao superior condemnados no conselho de guerra de Louicoes. Baseado avulso apes a revolta, foi denunciado e preso em Olivieira d'Azemeis. Conseguiu no entanto fugir da prisão em Africa, partindo para o Brazil onde teve a confiança do presidente da republica Floriano Peixoto e o cargo elevado na guarda nacional. Retornando ao reino apes a amnistia, falleceu na sua casa de Farnalhão em 16 de janeiro, victimado pela tuberculose.



A ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS

Na rua Antonio Maria Cardoso, installa-se o Panorama da Palestina, que é realmente uma obra d'arte tanto sob o ponto de vista propriamente plastico como pelo lado do escripto, que é assombroso. O Panorama evoca essas terras distantes de lindos cedros e de verdes oliveiras, terra onde Jesus nasceu e onde uma religião brotou, pais poetico de tons sem equal e de rosas mais ver-



UMA VELHA CRYPTA

melhas que sechunas ontras. No pavimento superior do Panorama a vista alonga-se e parece com o effeito de um a caravana rumorosa que passa de lanças altas, caminhando para o valle auguste e onde o rio corre mansuetamente.
É digno de se visitar esse soberbo trabalho que nos encantan.

O PANORAMA DA PALESTINA

A EXPOSIÇÃO DE ALFAIAS

Da capella de S. João Baptista de S. Roque

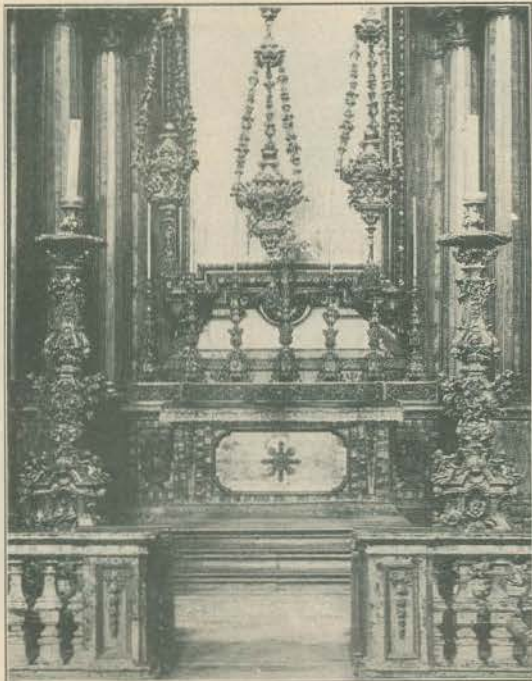
Abriu ao publico esta exposição, que, merecê dos cuidados do sr. conselheiro Pereira de Miranda, se instalou nas dependencias da Misericordia, e que, devido ao bom gosto e a grande somma de trabalho do sr. Francisco Ribeiro da Cunha, se apresenta d'uma bem empreendedente maneira.

Não ha duvida que um superior criterio presidiu á disposição das joias magnificentes que restam do nosso passado opulento, e não se pôde hesitar em felicitar tanto o sr. ministro das obras publicas como o sr. Ribeiro da Cunha pelo resultado dos seus esforços.



UMA GRANDE SAIÇA DE PRATA

A capella de S. João Baptista de S. Roque é uma obra prima; representa um capricho real, a vontade d'um rei que dispunha das *naus dos quintos*, d'essas



ALTAR DE CAPELLA

caravellas do ouro que chogavam abarrotadas do Brazil onde então ainda florescia a arvore cheia de seiva dos thesouros e em cuja terra os calhaus eram diamantes.

D. João V fez as cousas como um soberano, mas tambem como um archi-millionario.

A nação ia de mal a peor, mas o rei, na sua phantastica imitação de Luis XIV, gastava a rodos, em Mafra por uma promessa, e em Odivelhas n'umas cellas de monjas por amor, no aqueducto mais por vaidade de legar uma obra á romana do que pelo bem dos subditos, mas Caidas atirando ouro aos frades de Galestras e na capella de S. João Baptista pela satisfação d'um prazer, para pagar talvez aos jesuitas algumas pirrucas antigas.

O que é certo, porém, na sua prodigalidade é o gosto, o lado artistico que se imprime ás cousas n'este reinado, talvez porque gastando a rodos encontrava bons dirigentes para a realisação dos seus caprichos.

E essa capella é na verdade digna de ser apresentada como uma dadiua nascida da munificencia d'um soberano

Aquellas scintillantes pedras de colorações diferentes, marmores preciosos, coizas de maravilha, dão



CALICE — GALHETAS — CAIXA PARA HOSTIAS, PURIFICADOR E VASO DE COMMUNHÃO



CHRISTO EM BRONZE

como a nota polychroma, variegada, rápida, d'esse espirito regio movel e volvel que vestia da grandioza do seu ouro as idéas ás vezes imperfeitas e que outros arredondavam, davam corpo, realisação. Um grande cunheiro — Botoloni — fez essa obra maravilhosa e na sua construção empregou as pedras que dão pelos euphonicos nomes de Africano, Alabastro florido, Alabastro florido com olhos, Alabastro oriental, Amethysta, Branco negro antigo, Branco negro de França, Brecha antiga, Brecha sarabezza, Diapiro, Diaspro ouro, Porfido, Jalde, Lapislazulli, Marmore branco, Porfido roxo, Porfido verde, Roxo antigo, Verde antigo.

S. João teve o seu camarim d'um luxo oriental e que foi construido em Roma, visitado pelo papa que quiz dizer missa n'esse altar de feoria; veio para Lisboa em tres naus e foi offerecido aos jesuitas.

Com cuidados pela obra vieram tambem os artistas constructores, os esculptores, esse Ginsté que ficou cá fazendo bustos regios, os lapidarios, os ourives, os lavrantes, os pintores, os serralheiros para fazerem as lindas grades e os donadores para as doarem; e veio um exercito de serventes e de moços para ergner ali em S. Roque a linda capella.

Desde logo ella teve tambem o seu thesouro, as suas alfaias, castiças, banquetes, galhetas, jarros, vasos sagrados, campainhas, thuribulos, apagador, cruzes pectoraes, relicarios, tocheiros, maravilhas que grandes nomes de lavrantes, do cinzeladores, d'ourives assignaram.

Os paramentos foram outras tantas bellezas, as capas, as vestes, os pallios, as estolas, as casulas, as almofadas, os pluvias, tudo isso nasceu como por encanto sob os dedos leves e quasi diaphanos d'esses artistas bordadores que o esplendor da Igreja creava e que eram como dynastias nas grandes cidades religiosas, em Bruges como em Reims, em Napoles como em Roma, sobretudo em Roma, na cidade dos Papas e d'onde esses paramentos de S. Roque vieram.

A cada grande bordador foi entregue o seu paramento. Os brancos a Saturni, os vermelhos a Mariani, os pretos a Bovi, os cor de rosa a Salandri, os roxos a Patrenostro, os verdes a Gabriele e as roupas brancas a Marianna Conci, que era então em Roma a fornecedora das vestimentas dos altares e dos prelados.

A capella teve tudo isto e teve tambem uma tapeçaria rica, não esquecer cousa alguma nem mesmo os objectos mendoos, os livros de missa foram tomados entre os melhores e finalmente S. João ficou instalado em 1757, não conseguindo D. João V vêr realisação a sua obra pois fallou no anno anterior, depois de ter atirado ouro ás mãos cheias á pedir a intervenção do céu na douça diabolica que o minava.

E são todos esses riquissimos paramentos, e é essa capella que se expõem, mas na sala da Misericordia, a



RELICARIO



GOMIL E SALVA DE PRATA DOURADA

outra na Igreja de S. Roque, após um grande óvido em que tudo aquillo esteve. Do thesouro, propriamente, os vasos d'ouro, as grandezas do serviço religioso, so uma parte ficou.

A outra desapareceu, decerto durante as invasões, levada na bagagem dos soldados, ou então foram enviados á Moeda para ser derretidos, como de resto consta de um officio em que os francezes em 1808 mandavam remetter para a Moeda a prata e o ouro das igrejas.

aulli. Custou 50000 escudos é uma obra prima e de lavrado. Dois grandes esculptores o modelaram, Agostino Corsini e Bernardino Ludovico, e os anjos que o ladeiam e que são do tamanho de exornações apparecem aos nossos olhos como cousas verdadeiramente encantadoras esculpindo um quadro todo de perfeição que resoa em baixo relevo representando o Condeiro Santo atorado pelos 3 Anjos.

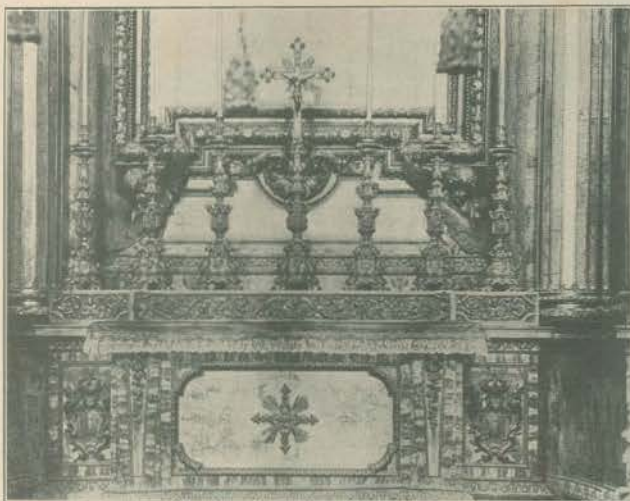
Vêm-se tambem os lampadarios e um purificador grande e cujo estojo e custou 8 escudos, ha as Sacras que são tambem obras de arte d'um altissimo valor.

A ver por isto que existe a submissão das encomendas que se fizeram, sabe-se que desapareceram muitos objectos tão artisticos, tão posados e tão valiosos como estes e que ou foram derretidos ou roubados.

E' verdade que se os francezes levaram preciosidades de Portugal e se existe uma ordem em que o se manda para a Moeda a prata das igrejas, tambem é certo que por outra á Junot mandou restituir a do convento de S. Roque.



FRONTAL DE PEDRA — TRES SACRAS DE PRATADOURADA



ALTAR DE CAPELLA, COM BANQUETA DE BRONZE E LAPIS-LAZULI

E que riquezas seriam essas que iam a entrar nos cadinhos para serem cunhadas depois em napolões, a avaliar pelas que ficaram como esse bellissimo relicario todo prata que encerra, segundo a lenda, o cruceiro e o queixo de S. Prospero?

E' elle em forma d'urna e da sua tampa lavrada surgem seis anjos bem modelados, de rostos formosos e corpos redondos e que seguram palmas e cordões. O corpo central é apoiado tambem sobre dois anjos que se separam por uma palmeira de largas folhas.

Tem 0,88 centimetros d'altura, pesa 15830 grammas, é obra maravilhosa de Carlo Guarnieri e torna-se notavel sobretudo pelas medalhões que representam a decollação do Baptista e a entrega da sua cabeça ao tetrarcha Herodes.

Os outros relicarios são do mesmo modo interessantes e artisticos, são obras de maravilhas que osas grandes italianos fizeram e ao lado d'ellas ha os dois thelheiros, cujas tochas pesam 30 libras cada uma e cujo peso bruto é de 727 kilos, tendo d'altura perto de 2 metros.

São em prata, e obra de Gagliardi, o artista que deixou descendentes em Poringal. Ha tambem os purificadores de prata dourada, a caixa das reliquias que está embutida na meza do altar e esse extraordinario frontal de prata e de lapis-laz



TOCHEIROS DE PRATA DOURADA

Nas bagagens do exercito sabe-se que partiram muitas coisas de valor e no tempo da invasão a propria capella estava para ser enviada a França como aconteceu com a celebre Biblia do Convento dos Jeronymos que Junot mandara a sua mulher para a entregar na Bibliotheca Imperial, mas que Napoleão deixou ficar em poder da duquesa d'Abrantes.

Mais tarde Luiz XVIII teve que a comprar á duquesa por oitenta mil francos, a fim de dar umma satisfação ao governo portuguez que a reclamava e para ser agradavel a um soberano, que, como amigo de Inglaterra, muito concorrera para a sua subida ao throno.

Com effeito os francezes durante a sua permanencia em Portugal praticaram a parte de verdadeiros roubos alguns sacrilegios espantosos.

Arrombaram os tumulos de D.D. Ignaz de Castro e de D. João I, um sabio que vinha para esteira dos exercitos, SaSaint-Hilaire, remetteu para Fr'rança todas as colleções botanicas e zoologicas que podia apanhar, nas mochilas dos soldados foram os productos dos seus assaltos, contando-se mesmo que um dos francezes, no momento da fuga, deitou a mala para o interior d'uma loja da rua do Principe foi a fortuna do seu proprietario.

Varios monumentos foram mutilados e entre elles a propria capella que Junot mandou desaparafusar, mas temendo que se quebrasse, de

levo deu ordem para a recompor dizendo:— Não serai barbare!

E ella ali está na sua igreja, magnificente e preciosa assim como as alfaias e o thesouro se expõem nas salas vastas que a Misericordia cedeu para este museu notavel, sob todos os aspectos grandioso e definidor d'um tempo em que os santos eram venerados de joelhos sobre almofadas bordadas a ouro e os seus ministros se vestiam melhor que os reis, fillos dilectos da Igreja como o nosso João V de tão prodigiosa memoria.

São essas obras que graças á iniciativa do sr. conselheiro Pereira de Miranda se expõem ao publico que muito tem a aprender e a recrear-se com as maravilhas d'um passado de fausto, de opulencia e estranha grandezza.



RELICARIO

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

Então, D. José caminhou dois passos ao encontro d'ella e com uma galanteria, que contrastava singularmente com a arrogancia desdenhosa com que, uma hora antes, a abandonara na sala dos Arrazes, offereceu-lhe a mão.

O duque affastara-se, discretamente, contemplando o lindo par que os dois faziam; ella, peguntina e fragil como um Saxe, com os seus cabellos loiros, penteados á Delphin; de cachos deitados caindo sobre os hombros, debaixo das abas do chapéo á Marlborough, o avental de musselina das Indias preguado sobre os *poofs* da saia, e a perviana de mangas curtas e abor-tas, deixando ver a brancura rosada do braço; elle, ele-

O Príncipe tinha parado, com Lorenza pela mão, em frente ao soldado do regimento de Cascaes, que fazia os com passos da guarda na Avenida.

Lafões olhou detidamente Cagliostro e ia responder á ameaça, quando á bocca da retunda appareceu de surpresa o Intendente.

Quasi ao mesmo tempo, D. José voltou-se e os seus olhos pensaram, severos e surpreendidos, em Pina Manique, que se adiantava, descoberto.

— Não o esperava em Quiluz, Intendente!

— Senhor, negocios da maior urgencia me trouxeram — disse Pina Manique, parando e relanceando a vista por toda a companhia do Principe.

D. José largou a mão de Lorenza. Um leve fremito agitou a sua labio anastriaco. A sua mão nervosa fazia girar, n'um gesto impaciente, sob a palma, o punho de ouro do bastão.

— Conhece este soldado, Intendente?

E estendia o braço para o soldado da guarda, immovel na sua frente, indicando-o a Pina Manique.

do de lavaredas! D'esse modo entendera o Intendente da Policia dar execução ás ordens do seu ministro, que lhe ordenara a captura dos refractarios, refugiados na Trafaria! Que os temasse a todo o custo, dissera-lhe o Marquez. Pediu logo o Intendente sessenta homens a cada um dos quatro regimentos de infantaria da corte, outros sessenta a cada um dos regimentos de cavallaria, e com esses quatrocentos e vinte soldados atravessou o Tejo e desembarcou na Trafaria antes do romper da alva! Dormia a povoação de pobres pescadores, cunçados da fauna do mar. Dormiam os velhos, as mulheres e as crianças. A cavallaria desembarcou sem rumor, entre os barcos da pesca, varados na praia. Não se ouvia uma voz. De uma galera foram retirados os archotes, embebedos de alcatrão, e o magistrado, a quem estava confiada a diligencia, mandou lançar fogo ás miserias palhoças! Era expedito e sumario! O Intendente apossava o dia, enchendo a noite com o claro sinistro do incendio. Ninguém, n'essa manhã, via despontar a aurora, porque as chumnas encardiam o céu!

Muito pallido, Pina Manique avançou para o Principe, procurando impôr-se pela gravidade offendida da attitude.

Todos, em volta, o olhavam sem misericordia. Apenas Cagliostro escutava, immovel e impassivel, conservando a attitude sobranceira com que respondera ao duque e a mão ainda pousada nas guardas do espadim.

D. José fez uma pausa, ao avançar do Intendente, e o seu semblante severo immobilisou-o.

— Parece que não lhe agrada a narrativa, Intendente!

Pina Manique ergueu a cabeça, fitando o Principe face a face.

— Cumprí o meu dever, senhor! Estavamos em vespers de guerra com a Hespanha e todos os esforços do governo não tinham conseguido



D. JOSÉ DANDO A MÃO A LORENZA

gante e airoso na sua casaca de velludo vermelho, a perna nervosa moldada na meia de seda branca, a cruz de Christo scintillando sobre as rendas da camisa e a vestia de matiz.

Muito tremulos, os dedos de Lorenza pousaram na mão do Principe; e enquanto Luiz de Miranda tomava a dianteira, e neto da Duvergier, retendo pelo braço Cagliostro, murmurou-lhe ao ouvido:

— Senhor José Balsamo, o que daria por ver a condessa de Stephanis favorita d'El-rei D. José II de Portugal?

Cagliostro fitou com sobranceira o velho duque, e, batendo com a mão nos copos do espadim, respondeu seccamente:

— Uma estoçada!

O Intendente estacou, espantado.

De novo, o Principe perguntou:

— Conhece este soldado, Intendente?

— Senhor — titubou Pina Manique, interdito, procurando nos assistentes, igualmente surpreendidos, a confirmação da subita loucura do Principe.

— Pois é seu velho conhecido, Intendente! Ha onze annos, por uma noite de Janeiro, que os clarões do incendio enchiam de luz e chumnas, este homem foi trazido, com a face chamuscada e as mãos em chagas, á presença de Vossa Senhoria. Estando a dormir, recordara ao estalar das descargas, suffocado pelo fumo, cerca-

de juntar mais do que um exercito de trinta e seis mil homens de infantaria...

— E quatro mil de cavallaria, bem o sei!

— Tornava-se necessario dar uma lição exemplar e severa aos refractarios...

D. José emmudeceu com um imperativo gesto.

— E como os soldados eram poucos para defender o reino, o Intendente divertiu-se em queimar alguns!

— Senhor!

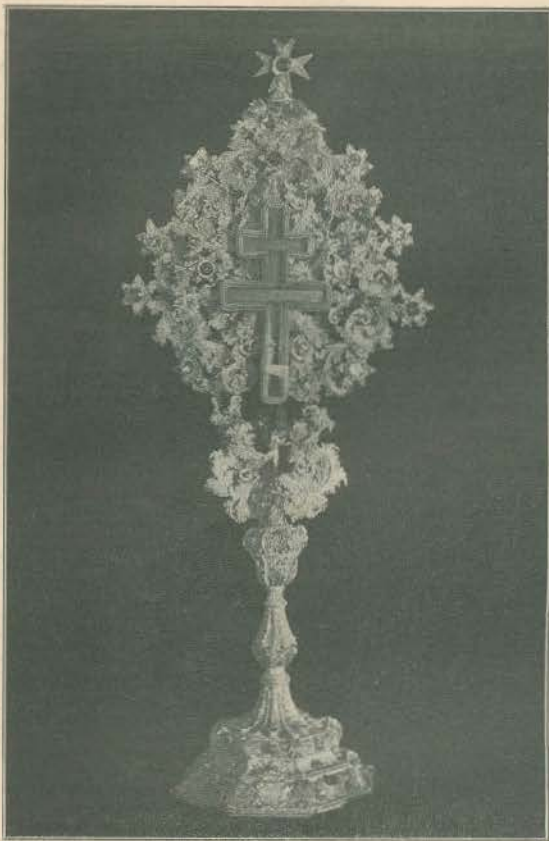


VOLTAREMOS A VER-NOS, CONDE DE CAGLIOSTRO

—Foi uma barbáridade iníqua!
 «Para prender duzentos refractarios era inutil matar pescadores e mulheres indefeizas e reduzir a cinzas uma povoação inteira! Antes as tropas do Hespanha, Intendente! Um mez depois, morria El-Rei, e a memoria do Marquez apparecia a todos ensanguentada pelo crime, que elle não praticara; de assignalar a agonia do seu rei com essa carnicidade! Se era isso que o Intendente desejava, conseguiu-o! Foi esse um dos maiores attentos de que o accusaram! Até esse dia, o povo estava no lado do Marquez contra a ogreja e a sobreza. Desde esse dia, o povo, horrorisado, desoubeceu a seu amigo e bandeirante com os seus inimigos! A Providencia, que collocou este soldado nos meus passos, á chegada do Intendente, está hoje contra! Melhor será para nós ambos addir e que havia por urgente dizer-me. Se se trata da minha vida, estou de perfeita saude, como vê. Se é da Rainha que vinda occupar-me, inutil será tomar-me do tempo. Esta manhã recebi noticias das Caldas. Não vejo outro assumpto que possa ter determinação a sua visita. Negocios de Estado, não trato d'elles. Só ao governo compete, por direito, resolvê-los!»
 Pina Manique estava livido. As suas mãos gordas, que elle cruzara sobre os bofes da camisa, tremiam de mal contida colera.
 D. José voltou-se para Luiz de Miranda.
 —Coronel, quero este soldado ao meu serviço da guarda, com permanencia. E terá soldo dobrado. Este homem é uma lição proveitosa aos príncipes. Desejo conservá-lo sempre na memoria, com elle sempre a meu lado!
 Dnas lagrimas correram pelas faces ruidos do soldado immovel, perfilado na continencia prescripta pelo severo regulamento do conde de Lippe.
 Pina Manique agardou, n'uma attitudão orgulhosa, que o Príncipe novamente voltasse para elle a face juvenil.
 Quando D. José, com a mão na ilharga do vellido, o fitou, sobranceiro e radiante, o Intendente fez a mesura da sobrancelha, e, péz juntos, levando ao peito o tricorno, sem articular palavra.
 Edificou-se depois, com um acceno arrogante de cabeça, medindo o duque, desde as suas fivelas á la Charles, até á peruca anelada, saudou-o com impertinencia:
 —Senhor duque de Lafões...

O duque, engatilhando a sua luneta de ç preciosa, retraxiu com graciosidade affectada:
 —Senhorir desembargador...
 Pina Manique avançou dois passos para Cagliostro e no silencio geral, que se fizera, depois de o mirar fixamente com o seu olhar glacial, disse com um sorriso, que equivalia a uma sentença:
 —Senhor conde de Cagliostro, ç, voltaremos a encontrarmos!
 E rodando sobre os tacões, como um executor que desvia os olhos depois de ferir e a victima, o Intendente abalou pela avenida, no seu passasinho moudo e solenne do pontalado.
 O terror, transmurara a face e de Lorenza, que fechara os olhos, como se diante d'ellida, subitamente, se fizera orgulo uma força.
 O príncipe olhava, assembrado, Cagliostro, que permanecia impassivel e sobranceiro, com a mão collada aos copos rendilhados do espadim.
 E de repente, como se acordasse, agitando o seu bastão de punho de ouro, gritou:
 —Chamem-o! Queiro LLlar ao ç Intendente!
 Cagliostro adiantou-se:
 —E inutil, senhor! O Intendente fallou verdade. Eu sou o conde Alexandre de Cagliostro!
 D. José calou-se, olhou inquietadoramente o duque.
 Lafões sorriu, abriu os braços, ç.
 —Conde de Stephanis em enxada de Cagliostro, que importa, Alteza?
 —Duque! —atallou D. José, ataffognoado. —Extraordinario o desaloro me parece que o Intendente da policia me venha esclarecer sobre o ç nome e qualidade das pessoas com quem trato!
 —Alteza, só a chegada do duque impediu, ha um instante, na rotunda, que em proprio, desavilando uma mascara já inutil, revelasse o meuo titulo! E se até hoje o occultara...
 —E' porque sabia, conde, que no paco dos reis Cagliostro não entra! —interrompeu D. José, com a mão crispada nas guardas do seu estoque de çôrte.
 —Senhor, Cagliostro entrou ç em todas as çôrtes da Europa e beijou, desde a mão da grande Catharina da Russia até á mão do virtuoso e o sabio Estauslan Augusto da Polonia.
 —Expulso-o a çôrte de França! —replicou severamente D. José.
 —Não o nego, Alteza!
 —As suas machinações iam pependendo a monarchia!
 —E' falso, Alteza! A monarchia perdeseo porque me não quis ouvir! Os tribunas proclamarão a minha innocencia! Só ou poderia ter salvo o ç dynastia!

—E porque o não fez, conde? —perguntou D. José com desdenhosa sobranceira.
 Cagliostro apurou a sua atrevida cabeça de aventureiro, respondeu com o mais solenne impudor:
 —Porque em toda a parte ha príncipes desconfiados e hesitantes, incredulos e orgulhosos, que dormem sob a guarda da traição e mandam excentar a lealdade! Porque a Providencia é talvez hoje contra os reis! Quem pode encher os desígnios de Deus? A tempo preveni o senhor Cardinal de Rohan de que estava sendo a victima de um temeroso embuste. Não me quiz acreditar. Por duas vezes tentei prevenir a Rainha. Por duas vezes se recusou a sua Magestade a ouvir-me. *Alea facta est!* Entreguem-se a sua sorte! Só Deus lhes podia valer e Deus abandonou-os!
 —O conde ignorava a compra do collar em nome da Rainha de França?
 —Ignorava.
 —Quem o prova?
 —Os juizes que me julgaram!
 —Se o seu nome está livre de mancha, para que o esconde?
 —Senhor, eu occulto a chaga que n'ello me fizeram!
 —No que pensa, duque? —perguntou D. José, voltando-se e vendo Lafões recolhido e grave, como se uma ideia profunda o absorvesse.
 —Penso nas grandes verdades que o conde está dizendo a Vossa Alteza!
 —Senhor, o grande crime de que me accusam é o de ter querido salvar o throno de França!
 —Antes o accusam de o ter querido subverter, conde! A's suas machinações se attribue a fatiga temerosa da queda do collar, que expoz a familia real de França aos insultos e á colera do povo!
 —O povo vingou-se, Alteza!
 —O rei de França só procura o bem do seu povo, conde!
 —Mas procura-o na escuridão!
 —E' um rei indulgente e liberal, pacifico e casto!
 —Os seus antepassados foram severos e absolutos, bellicosos e libertinos!
 —Luiz XIV foi um monarcha glorioso!
 —Que acabou entre revozes militares e humilhações diplomaticas. A sua gloria deixou a França despozada, exhanata, empobrecida, o credito perdido, as terras em ponzo, as casas em ruinas, o povo agitado pelas revoltas da fome. A Regencia acabou de empobrecer o paiz. A diplomacia converteu-se n'uma intriga. A galleria transformou-se na libertinagem. Luiz XV entregou o governo ás cortezias...
 —E qual é o crime de Luiz XVI?



GUSTODIA DO SANTO LENHO NA EGREJA DE VERA CRUZ

É em prata e n'ella se guarda a reliquia do Santo Lenho levada a batalha do Salado e a qual se attribua a victoria dos portuguezes.

(Phot. do sr. Antonio Fragoso)



VERA CRUZ

Uma das Terras onde está a egreja parochial que foi fundada no reinado de Affonso III pelo prior da Ordem de Malta, Affonso Pires, ajudado por João d'Alvim.



SR. DR. JOSÉ VIEIRA PINTO DOS REIS
Fallecido em 11 de janeiro



SR. FRANCISCO MANUEL GOMES RIBEIRO
Fallecido em 15 de janeiro

CHRONICA ELEGANTE

Continúa a estação mundana por excellencia a favor

receber rouquidos de toda a especie, proporcionando ensejo para exhibições das maiores elegancias. Os dias brancos e nevontos são de molde a fazer apreciar os encantos dos perfumados salões, suavemente temporados, ornamentados da forma mais seductora com estofos muito alternados e geralmente claros, pois, ao contrario do que se presava n'outros tempos, as tenturas claras, as *haiseries* mesmo brancas, as sedas Luiz XV, Luiz XVI e Imperio, de fundos brancos, com ramos de flores,



FIGURA 1

flecos d'ouro aqui e além, representam actualmento o ideal do mais suggestivo conforto e aprimorado luxo.

Nas *toilettes* destinadas nos *five à clock* elegantes observase a mesma nota clara, mas suavissima e senada de *crivad*.

Os vestidos muito claros e brancos fazem furor; de panno fino, *panne*, bengalino, velludo, e como suprema elegancia o *cheviote* muito grosso e do fruste apparencia; estas lindas *toilettes* alegram-se com uma nota de

côr, por vezes, e de ordinario essa nota consiste no cinto, golla, ou n'uns vivos apenas visiveis, ou no *dessous* quando o tecido seja aberto ou borlado. Os *jabots* e folhos de mangas de rendas finas dão o ultimo tom de apurada elegancia a estas seductoras *toilettes*.

Não ch'egou ainda a occasião de fixar bem as formas das saias.

Alguns grandes *faisceurs* exhibem a saia muito rodada e solta, caindo á vontade; outros ainda executam a saia muito justa em cima, ainda alguns apresentam as

prôgas prezas, finalmente não se assentou ainda a moda futura, nem provavelmente se resolverá nada senão com a appareção dos tecidos de primavera, que naturalmente de-



FIGURA 2



FIGURA 3

mandarão outros feitos.

Por enquanto o que mais figura é a saia franzida *contissée* nas ancas, e a saia de altos folhos sobrepostos simulando duas saias e uma *anceira* ligurada; com as abas do casaco Luiz XV, que se usa mais do que nunca.

FIG. 1 — *Toilette de crêpe de Chine* acivada de velludo mandarim. Cabeção do *quipare* sobre velludo mandarim.

FIG. 2 — *Blaçon de caracul*.

FIG. 3 — *Toilette* elegante em panno Champaigne com bordados abertos e *dessous de faille mauve*. Chapou preto com rosas mel.

A mais celebre soprano
da actualidade

Impressa nos discos da
Companhia Franceza do
GRAMOPHONE



A VOZ
DE
M.^{ME} MELBA

COMPANHIA FRANCEZA

DG

GRAMOPHONE

M.^{ME} Melba ha quatorze annos que encetou a sua carreira artistica, que a imprensa de todo o mundo considera uma serie ininterrupta de triumphos. A sua primeira gloria foi o papel de *Giralda*, e em 1890, no Theatro Monnaie de Bruxellas; no anno seguinte em Londres alcançou o mais completo successo que se tem visto, na *Lucia*; e em Paris durante as representações do *Hamlet*, na Ópera, a sala em peso fez-lhe a maior ovação que tem tido as Ophélias.

Dois annos depois a sua reputação estava solidamente estabelecida a em toda a Europa, cantando em São Petersburgo e Monte-Carlo.

Discos cantados em francez

03013	HAMLET. — Scène de la Folie (première partie) com acompanhamento de orchestra.	<i>Ambroise Thomas</i>		03014	HAMLET. — Scène de la Folie (Seconde partie) com acompanhamento de orchestra.	<i>Ambroise Thomas</i>
03019	SI MES VERS AVAIENT DES AILES	<i>Reynaldo Hahn</i>		03016	NYMPHES & SYLVAINS. —	<i>Bemberg</i>

Discos cantados em inglez

03021	SWEET BIRD (Doux Oiseau) com acompanhamento de flauta por monsieur Gaubert da Opera de Paris.	<i>Handel</i>		03022	GOD-BY (Au Revoir)	<i>F. Paolo Tosti</i>
				03027	THREE GREEN BONNETS (Trois bonnets verts)	<i>Guy d'Hardelot</i>

Discos cantados em italiano

03023	RIGOLETTO. — (Caro Nome), com acompanhamento de orchestra.	<i>Verdi</i>		03020	LUCIA DI LAMMERMOOR (Scène de la Folie) acompanhada a flauta por monsieur Gaubert da Opera de Paris.	<i>Donizetti</i>
03010	SE SARAN ROSE.	<i>Arditi</i>		03017	TRAVIATA. — Ah Fors'e lui (Andante)	<i>Verdi</i>
03013	MATTINATA.	<i>F. Paolo Tosti</i>		03026	TRAVIATA. — Ah Fors'e lui (Allegro)	<i>Verdi</i>
03028	PORGI D'AMOR.	<i>Mozart</i>				

Todos estes discos fazem parte do novo catalogo 1904-1905, bem a como innumeradas novidades em discos Portuguezes.

COMPANHIA FRANCEZA DO **GRAMOPHONE**—RUA GARRETT—47—2.º

AGENTE NO PORTO
ARTHUR BARBEDO—Largo de S. Domingos, 12,1.º

LISBOA

AGENTE EM BRAGA
MANUEL ANTONIO MANEIRO GOMES



A. VIEIRA DA SILVA = ALFAIATE DA ELITE

28, Praça dos Restauradores, 28 — (Avenida Tailor) Palacio Foz, Lisboa

Succursal na Figueira, Rua Bernardo Lopes, em frente do Casino Peninsular

Fazendas de alta novidade e finissimo gosto e mais artigos de luxo para homem



Perola Thesouro do Estomago

PREPARAÇÃO DE LUIZ DIAS AMADO PHARMACEUTICO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

GRANDE EXITO!

Esta preparaçãõ não contém toxico algum e cura radicalmente todas as doencas do estomago. Pelas virtudes que o recommendam chama-se para elle a atencãõ dos senhores medicos allem que tem o observem na sua compoziçãõ e nos seus effeitos pelo não estranho da sua formula a propozita nem a realidade das sempre as doses do estomago logo que se toma a primeira dose. As doencas e os trãos digestivos desaparecem com o seu emprego, facilitado a funcãõ dos fermentos digestivos; a digestãõ fere-se importante transformando as feguras, tornando-as solaveis e portavelis assimilaveis; a peptina fermentando as carnes; a pancreatina emulsificando as gorduras; tornando digeriveis. A temperatura normal a digestãõ realisa-se independentemente da vontade do individuo. — A Perola Thesouro do Estomago contém ainda principios amargos reconhecidos como tãões efficazes. Alivia o appetito e faz desaparecer promptamente as doencas de catatãõ e os enfartamentos do estomago, as flatulencias, a cymosis, a diarrheia, os excessos de acido, destruetta os microbios funestoz e as funcões estomacares. Actuando sobre o sistema nervoso scaliza os nervos, como por exemplo, fazendo perder o infeliz doente do inferno a gloria, o que justifica o epitheto honroso de

PEROLA THESOURO DO ESTOMAGO — USO: Uma pequena colher de chá, duas a seguir a cada reficãõ com auxilio d'um pouco d'agua.

PREÇO DO FRASCO 1\$200 réis

Deposito geral: Pharmacia Dias Amado — 50, Rua do Carmo, 52 — E em todas as pharmacias do pais

NESTLE

FARINHA LACTEA

A descoberta do Brazil

E' um trabalho de grande valor historico em que, á face de documentos até hoje inéditos, se descreve a gloriosissima descoberta de PEDRO ALVARES CABRAL

Um volume, illustrado com optimas gravuras e capa de aguarella.

Brochura 500. cartonado 700

PEDIDOS

A' Bibliotheca d'O SEculo - LISBOA

ARTISTICA ENCADERNAÇÃO

Brilhantes capas em peralmina encarnada, a ouro e cores, superiormente illustrada por Santa Siva, como indica o desenho junto, para a encadernação de cada semestre da notavel revista a

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Capa e respectivo indice, para cada semestre 700 réis.

Os assignantes das terras em que não houver boa officina, podem obter a encadernação insumos de cada semestre da bella revista, pela quantia de 1\$250 réis assim distribuidos:

Capa	700 réis
Encadernação	300 réis
Porte do caminho de ferro	150 réis
Emballagem	100 réis
Total	1\$250 réis

Para isso deverão enviar os respectivos exemplares á Empresa d'O Seculo - Lisboa - bem acondicionadas, remetendo a quantia referida em vale do correio ou carta registada.

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



O MELHOR DIGESTIVO - TONICO - NEVROSTHENICO

VITALOL

DE MEYRELLES & MOURA BRASIL

A clinica — o superior tribunal da sciencia — tem sancionado o valor curativo do VITALOL nas molestias onde ha perda de phosphatos: Tuberculose — Diabete — Dyspepsia — Neurasthenia — Debilidade geral — Soro-naps — Cãquexa physica e intellectual — Digestão difficil — Impotencia — Exotismo — etc.

DEPOSITOS
Rio de Janeiro: Rua S. Pedro, 59 — Rua Gonçalves Dias, 71
Bahia: Droguaria America
E EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital	Accões	360.000\$000
	Obrigações	338.670\$000
	Fundo de reserva e de amortizaçãõ	205.000\$000
	Réis	903.670\$000

SEDE EM LISBOA

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianata e Sobreirinho (Thomaz), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha)

Installadas para uma produçãõ annual de cinco milhões de kilos de papel e dispoem dos machinismos mais aperfeçoados para a sua industria

TEM EM DEPOSITO GRANDE VARIEDADE DE PAPEIS DE ESCRIPTA, DE IMPRESSÃO E DE EMBRULHO

Toma e executa promptamente e commendaçãõs para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma

Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do pais, entre os quaes Diario do Governo, O Seculo, Diario de Noticias, Jornal do Commercio, Diario Illustrado, Correo da Noite, Tarde, Folha da Tarde, Mundo, Voç do Operario, Novidades, Liberal, Jornal da Noite, Debate, Arco-Iris, Touril, Parodia-Comedia Portugueza, Gazeta dos Caminhos de Ferro, Via-Ferrea, Primeiro de Janeiro, Jornal de Noticias, Palavra, e muitos outros de Lisboa, Porto, provincias e ilhas

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

Lisboa - 270, Rua da Princeza, 276 - Porto - 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: Lisboa - Companhia Prado - Porto - Prado. LISBOA - Numero telephonicos: 665